

“RUTE NO CAMPO”: EROTISMO, DESEJO E INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA

José Hélder Pinheiro Alves¹

Paloma do Nascimento Oliveira²

85

Resumo:

O presente trabalho tem como foco a análise do poema “Rute no Campo”, do livro *A duração do dia* (2010), de Adélia Prado. Refletimos aqui sobre o erotismo, do desejo e da religiosidade, presentes constantemente na escrita da poetisa. Ressaltamos também a análise da intertextualidade bíblica e a influência destes escritos na composição do poema.

Palavras-chave: poesia; religiosidade; erotismo.

[CONSIDERAÇÕES INICIAIS]

Adélia Prado traz, desde seu primeiro livro, dentre outras características, uma poesia marcada pela fé, pela presença do cotidiano familiar, por um erotismo à flor da pele e um diálogo constante com o texto bíblico. Estas marcas se mostram ora mais isoladas num ou noutro poema, ora mescladas num mesmo poema. Em qualquer das situações, sempre com imagens fortes, como a do poema inicial de *Bagagem*, que se constitui numa verdadeira poética da autora: “Quando nasci, um anjo esbelto,/ desses que tocam trombeta, anunciou:/ vai carregar bandeira,/ cargo muito pesado para mulher,/ esta espécie ainda envergonhada” (PRADO, 1986, p. 19).

Trata-se de uma poetisa que se diz de uma espécie ainda envergonhada, mas que em seu primeiro livro e nos muitos que vieram depois de modo algum seria motivo para envergonhar-se. Foi Carlos Drummond de Andrade, através de Affonso Romano de Sant’Anna (1978), que teceu as primeiras impressões do livro, considerando os poemas fenomenais e indicando sua publicação.

¹ Pós-doutorado em Literatura pela USP. Professor da Universidade Federal de Campina Grande. **E-mail:** helderpin@uol.com.br

² Mestra em Literatura pela Universidade Federal de Campina Grande. **E-mail:** palomaoliveira03@gmail.com

Bagagem traz na sua mala poética um conjunto de vivências e experiências dignas de seu título. A própria poetisa declara que este livro foi fruto de suas experiências: "Meu primeiro livro foi feito num entusiasmo de fundação e descoberta, emoções para mim inseparáveis da criação, ainda que nascidas, muitas vezes do sofrimento" (PRADO, 2010). Tais experiências se estenderam a mais outros sete livros de poesia, a saber: *O coração disparado* (1978), *Terra de Santa Cruz* (1981), *O pelicano* (1987), *A faca no peito* (1988), *Oráculos de maio* (1999), *A duração do dia* (2010) e o atual *Miserere* (2014);

Essa forma ímpar de observar a vida e transpô-la aos livros faz dessa escritora uma das grandes representantes da nossa poesia contemporânea e a coloca, enquanto mulher, em lugar de destaque na expressão de certas vivências femininas. A crítica observou, já no seu primeiro livro, o surgimento de uma dicção diferente na tradição literária, uma dicção de voz feminina. Foi prefaciando o segundo livro da autora que Affonso Romano de Sant'anna (1978, p. 10) afirmou que Adélia era "a voz mais feminina de nossa poesia". Daí em alguns momentos imaginarmos uma forma peculiar de se expressar enquanto mulher que nasce com seu primeiro livro – "Imito o andar das velhas de cadeiras duras/ e se me surpreendem, explico cheia de verdade:/ tô ensaiando" (PRADO, 1986, p. 34) – e perdura até *A duração do dia* (2010) – "Por que me deixou órfã, minha mãe?/ Apesar de seus olhos tristes e sua boca selada,/ vou me casar assim mesmo" (p. 43).

Essa forma peculiar traz aspectos centrais em sua escrita que nascem no primeiro livro e ressoam no último. É do erotismo e do cotidiano que Adélia apanha o miúdo e transforma linguisticamente em verso, ritmo, sensibilidade. Esses três pontos perduram em sua poesia e se mesclam de modo em que muitas vezes não sabemos aonde começa e aonde termina o outro; eles se fundem, se confundem.

Elegemos para análise, neste artigo, "Rute no campo", um poema que engloba os eixos supracitados, sendo mais forte a presença religiosa e a intertextualidade bíblica.

[O AMOR DE RUTE]

Antes de nos atermos ao poema, vale lembrar que ele pertence à obra *A duração do dia* (2010), penúltimo livro de poemas de Adélia. Composto por 71 poemas, divide-se em partes que não foram intituladas, mas introduzidas por passagens bíblicas dos livros de Gálatas, Rute, Coríntios, Mateus, Marcos, Cântico dos Cânticos e, uma citação da "Velha mulher falando de quando viu o cometa de Halley". Este livro traz a permanência da tríade temática que se destaca na maioria de suas

composições. De um lado a grande influência da religiosidade enquanto marca registrada nos versos; a presença do divino, do sagrado, sempre em reflexão, contemplação. De outro, o cotidiano se insere quase que naturalmente nas lembranças, nos lugares, na memória, no 'narrar', tudo dentro de um contexto familiar. Por fim o erótico que é trabalhado de forma diferencial ressaltando o corpo inserido no contexto religioso e no cotidiano, na maioria das vezes da dona de casa, da mãe, da esposa, da filha que se põe atenta a escutar os pais.

Iremos nos deter mais no modo como estes temas e atitudes se realizam na poesia adeliã, particularmente em "Rute no campo". Ou seja, neste momento veremos como o poema se constrói, quase sempre, através da junção de vários planos, acoplados livremente, mas semanticamente articulados. Percorreremos verso a verso, atentando para o valor semântico das imagens, das alusões, das relações intertextuais, sobretudo bíblicas, da mistura entre sagrado e profano, entre erótico e religioso.

Sob tom confessional o poema que segue intercala os três aspectos que citamos neste trabalho. Rute, figura religiosa, ganha vida no poema para retratar uma mulher reflexiva e forte que alude à referência bíblica.

O livro de Rute aborda a história de uma mulher que optou pela escolha de Deus como prioridade em sua vida em detrimento da sua família. Diante da morte de seu esposo, ela decidiu não voltar ao convívio dos familiares, mas se dedicar à sogra. Ao partir para Belém de Judá, com a sogra Noemi, Rute começa uma vida nova em meio à pobreza, mas nunca se queixa. Ao chegar ao destino, ela não se curva ao cansaço da viagem e agradece a Deus pelos campos dourados com trigo. Diante da atitude de Rute, de devoção a Deus, Booz, um homem justo e fiel, se encantou pela mulher e juntos tiveram Obed, que seria mais tarde pai de Jessé e avô do rei Davi. Sob o contexto bíblico, o livro de Rute situa-se num certo momento da história do povo judeu, conforme se pode observar:

Sob forma de uma história familiar, o livro de Rute apresenta um roteiro para a luta do povo pobre em busca de seus direitos. Foi escrito em Judá, depois do exílio na Babilônia, pela metade do séc. V a.C. (...) O autor do livro coloca princípios de orientação para reorganizar a comunidade, que sofreu grandes abalos. E isso acontece a partir da situação do povo pobre, apontando-se o caminho para a luta em vista do pão, da terra e da família. (BÍBLIA, 1990, p. 296)

De posse dessa notícia sobre de história de Rute, passaremos à leitura do poema que notadamente já infere às concepções de religiosidade que Adélia Prado aborda em seus escritos:

RUTE NO CAMPO

- 1 No quarto pequeno
- 2 onde o amor não pode nem gemer
- 3 admiro minhas lágrimas no espelho, sou humana,
- 4 quero o carinho que à ovelha mais fraca se dispensa.
- 5 Não parecem ser meus pensamentos.
- 6 Alguns versos restam inaproveitáveis,
- 7 belos como relíquias de ouro velho quebrado,
- 8 esquecidas no campo à sorte de quem as respingue.
- 9 A nudez apazigua porque o corpo é inocente,
- 10 só quer comer, casar, só pensa em núpcias,
- 11 comida quente na mesa comprida
- 12 pois sente fome, fome, muita fome.

A partir do título do poema é possível já fazer inferência à Rute bíblica. Se apenas tivéssemos como título o substantivo feminino próprio 'Rute' isso nos impossibilitaria de relacioná-lo ao personagem de forma mais direta; poderia se tratar de qualquer Rute em qualquer momento e contexto. Entretanto, a estrutura "Rute no campo" nos dá elementos para associá-la à Rute do Antigo Testamento. Isso se dá porque a história de Rute é conhecida por esse espaço: o campo.

A alusão ao campo refere-se justamente ao momento em que Rute, junto da sua sogra Noemi, chega ao campo e dá graças a Deus pela existência da natureza. É através do campo que Rute conhece o amor, a doação, a entrega tanto ao divino quanto ao corporal.

Foi no campo que Booz encontrou Rute e esta lhe chamou atenção:

Então Booz perguntou ao capataz: "Quem é esta moça?" O capataz respondeu: "É uma moabita que voltou com Noemi dos Campos de Moab, e me pediu para catar o restolho das espigas. Ela chegou de manhã e está de pé até agora, sem parar um só momento. (BÍBLIA, 1990, RT, 2, 5 – 7)

Este espaço do campo faz alusão a um espaço que evoca religiosidade. Em muitas passagens bíblicas o campo é palco de grandes acontecimentos em meio a pastores, ovelhas e parábolas, como a do semeador, por exemplo. O espaço faz do título o imperativo simbólico do religioso, do bíblico. Importante lembrar que a intertextualidade bíblica se faz presente de modo constante na poesia de Adélia Prado. Os modos como isto se concretiza são vários: epígrafes em abundância, retomada de

personagens como Jó, a profetisa Ana, referências ao corpo de cristo, diálogo com salmos, dentre outros procedimentos.

No primeiro verso é possível observar que a questão espacial é forte neste poema. O início marca-se com a colocação do ambiente em evidência. No v.1 "No quarto pequeno" o espaço representa o local direcionado ao erótico simultaneamente com a concepção de ambiente cotidiano. O quarto é palco de gestos habituais como dormir, trocar de roupa, realizar o ato sexual e desses gestos nasce a mistura de práticas eróticas e do cotidiano.

A demarcação do tamanho do quarto, marcada pelo adjetivo 'pequeno', faz com que ele se caracterize como espaço delimitado, cujo ambiente se reduz a determinados atos. Tais atos se especificam no v. 2 "onde o amor não pode nem gemer". O adjetivo 'pequeno' é determinante para o entendimento deste segundo verso. O tamanho do espaço, assim como a visão tradicional religiosa, limitam a vivência do amor, o coloca em posição de desconforto, ele não pode nem gemer. O amor é visto do lugar do quarto pequeno em sua dimensão oprimida. O conectivo 'nem' enfatiza que neste quarto é negado ao eu lírico o direito de viver o amor na sua amplitude. O espaço físico aqui irá se misturar ao espaço sentimental que o habita.

É interessante observar que a junção desses dois versos iniciais confirma o que acreditamos acontecer em muitos poemas de Adélia: o não saber onde começa e onde termina o que é cotidiano, o que é religioso e o que é erótico nessa poesia. Há, de fato, elementos que nos apontam mais especificamente a cada âmbito, como quarto que remete à moradia que leva à constância do habitar, do viver; como gemer que, contextualmente, não se refere a gemidos de dor, mas de prazer, relacionado ao amor erótico; como a própria aceção à palavra amor que aqui tem conotação religiosa no sentido de que poderia ser trocada por sexo, mas não foi, justamente para enfatizar a ideia de um amor ligado a Deus.

No v. 3 o eu lírico aparece pelo substantivo feminino – 'sou humana' – num gesto simples, mas muito peculiar às mulheres: o de admirar as lágrimas no espelho. Essa imagem traz de um momento de aparente tristeza, um admirar-se e descobrir-se enquanto humana. Admirar as lágrimas no espelho revela-se num gesto de contemplação daquilo que é frágil. O 'eu' evidencia a admiração de algo que poderíamos considerar um fator negativo: a fraqueza. No entanto, as lágrimas aqui não assumem o caráter do senso comum do 'envergonhar-se'; elas são elemento de descoberta, de um maravilhar-se diante da humanidade que elas carregam em sua existência. Dentro do quarto pequeno onde o amor não se vê em condição de sequer gemer, as lágrimas são a expressão máxima de sensação que o 'eu' alcança.

No verso 4 o elemento religioso é bem mais forte, uma vez que o aparecimento da ovelha revela a direta ligação bíblica que o eu lírico tem como suas sensações. A ovelha está para a fragilidade assim como o 'eu' está para a carência. O 'eu' quer de carinho, coloca-se em seu grau mais humano e

admite a necessidade de atenção, de amor. A dimensão dessa necessidade é posta na especificação: um carinho tamanho que à ovelha mais fraca se dispensa. A precisão de carinho se insurge na pequenez do quarto, no olhar lançado ao espelho, numa espécie de autoconhecimento do eu em que os elementos imperativos do cotidiano, da religiosidade e do erotismo se mesclam e se confundem.

No v. 5 o eu, na tentativa de racionalizar as sensações que vivencia diante do espelho, não se reconhece e reflete sobre os gestos acreditando não serem seus os pensamentos banhados de lágrimas, que pedem por carinho. Ele se mostra mais humano ainda pela negação de uma atitude que lhe torna menos forte diante do outro. A não aceitação daquilo que lhe torna frágil remete a uma espécie de espanto diante do fato de não ter conhecimento absoluto de si: "Não parecem ser meus meus pensamentos". A repetição do pronome 'meus' caracteriza um eu que desconhece a si neste momento de profunda reflexão; os pensamentos vêm desse eu, entretanto lhe são estranhos, lhe são desconhecidos.

Assim, após não se reconhecer diante da fraqueza, o eu lança mão de um procedimento estilístico comum em sua obra que é misturar várias imagens e sensações aparentemente desconexas, conforme se pode observar nos versos 6, 7 e 8. Falamos aparentemente, pois já sabemos que nada da poesia adeliãna é colocado solto, sem sentido; até o que primariamente parece não ter conexão entre os versos, ao fim da leitura enxergamos a possibilidade de encaixe.

Desse modo no v. 6 o eu lírico declara: "Alguns versos restam inaproveitáveis". Surge aqui outro viés temático marcante da poesia de Adélia: o caráter metalinguístico. Assim como a vida é frágil, a criação também é; também como poetisa, essa mulher que escreve se reconhece pequena, frágil. Alguns versos não servem, não se aproveitam, são falhos, também nascem da incapacidade humana. Nesse verso ela admite essa fragilidade, mas não menospreza.

Estes versos não se aproveitam, mas são belos como relíquias de ouro velho quebrado, assim descritos no v. 7. O 'eu' encontra na imperfeição a beleza. Diante da falha humana ao produzir versos inaproveitáveis ele percebe o belo e o compara às relíquias de ouro velho quebrado. Aquilo que seria descartado, neste poema é admirado, tal como relíquias de ouro velho, "esquecidas no campo à sorte de quem as respingue".

No v.7 e v. 8, mesmo diante de dizeres que parecem não se conectar à história de Rute, há elementos que trazem para o texto esse enredo como 'relíquias' e 'campo'. Os versos inaproveitáveis ficam entregues à sorte tal como Rute e sua sogra ficaram quando partiram para Belém de Judá. A mulher viúva, naquele tempo, era condicionada à família do marido, portanto, a sorte de Rute estava nas mãos da sogra que a aconselhou voltar para seus pais, mas Rute escolheu ficar ao lado de Noemi. Na colheita, afim de colher espigas para o sustento dela e da sogra, Rute, tal como os versos inaproveitáveis, se tornou uma relíquia no campo e foi acolhida por Booz:

Então Booz disse a Rute: "Escute, minha filha. Não vá catar espigas cem outro campo. Não se afaste daqui. Fique com minhas empregadas. Observe o terreno que os homens estão ceifando e vá atrás deles. Ordenei aos meus empregados que não incomodem você. Quando estiver com sede pode ir até as bilhas e beber a água que os empregados tiverem trazido". (BÍBLIA, 1990, RT, 2, 8 – 9)

No v. 9 o encontramos fortes imagens do corpo que pendem entre o erótico e o religioso: nudez e inocente. A nudez vista enquanto tabu no meio religioso se apazigua na inocência. O corpo é elemento central, uma espécie de divisor de rios, nele habita 'uma paisagem entre meio dia e duas da tarde' ("Amor no éter", In: PRADO, 1999), é no corpo que mora o pecado e a pureza.

No v. 10, em continuação do v. 9, o corpo "só quer comer, casar, só pensa em núpcias". Neste verso surge a ideia de necessidade, de desejo; as necessidades instintivas se misturam às culturais: comer, enquanto necessidade fisiológica ao lado de casar, necessidade espiritual e ao mesmo tempo cultural/religiosa. Sobre essa temática, Del Priore afirma:

No Velho Testamento, narrativas sobre a criação fecham-se com cenas emblemáticas sobre essa questão. Deus criou para o homem uma companheira, "carne de sua carne", para que fizessem "uma só carne", multiplicando-se sobre a terra. (...) Desde cedo o século VI, dona Conceição, benzia-se o casal à porta ou no quarto nupcial, primeiro sentados e depois deitados na cama. Benção precedida de um rito de purificação. (DEL PRIORE, 2001,p. 34)

Ao pensar só em núpcias o corpo se volta ao amor, à carência descrita nos versos iniciais do poema; ao pensar só em núpcias nos vem a ideia de uma mulher que confessa em "A boca" quando diz: "Tenho missão tão grave sobre os ombros e só penso em vadiar". O eu neste v. 10 demonstra um desprendimento de preocupações externas. O corpo é elemento central e deseja, quer suas vontades primárias realizadas. O uso do 'só', utilizado duas vezes no mesmo verso, reforça esse desprendimento: 'só quer comer', 'só pensa em núpcias'. O corpo se satisfaz com o que lhe é necessário: casar, comer e usufruir das núpcias.

No v. 11 o corpo pede comida quente na mesa comprida e se justifica no v. 12 por sentir fome. A imagem da comida quente provoca sensações gostosas, agradáveis e atrativas. A comida quente evoca dois sentidos: paladar e tato. Esses dois sentidos são ativados pelo leitor durante a leitura do verso ao passo que sinesteticamente a visão é acionada para 'observar' a mesa comprida em que se encontra a comida quente.

A imagem da mesa comprida também requer atenção: em oposição ao quarto pequeno do início do poema, em que não se pode ao menos gemer, a mesa comprida traz largas possibilidades para se desfrutar da comida, um dos prazeres da carne. Temos dois momentos do eu: um em que ele se encontra preso a um espaço delimitado, sem condições de se expressar conforme suas vontades e

seus anseios e outro em que é possível externar todo seu querer. Através da extensão da mesa encontramos a possibilidade de abertura para que o eu expanda suas sensações: comer a comida quente, sentir o prazer de satisfazer seu corpo com o objeto de desejo.

Rute tem suas necessidades, a imagem da comida quente é acalentadora, confortante, faz parte de um desejo mínimo, trivial, mas que causa satisfação diante de um corpo que sente fome. Nos versos finais a explicação para a fome ganha na repetição a força para enfatizar o desejo inicial do carinho e fechar o poema. Se no v. 4 o eu quer carinho, no v. 11 ele quer comida quente. Esse desejo de ambos se encerra no poema para mostrar anseios e desejos unidos por concepções distintas que perpassam o religioso, o dia a dia e a fome erótica do corpo.

[CONSIDERAÇÕES FINAIS]

O poema "Rute no campo" é exemplar de algumas características da poesia de Adélia Prado. Primeiro, a constante temática do erotismo ligado ao cotidiano. Segundo, a intertextualidade bíblica, que ocorre de modo bastante peculiar. A personagem Rute é retomada como que para revelar também o modo como o eu lírico adeliانو vivencia suas carências, seus desejos e sua experiência religiosa. Adélia capta, do texto bíblico, não a ortodoxia, a regra, mas dimensão humana, as carências, também os desejos, que tendem a ficar sublimados. Neste sentido, seu diálogo com a Bíblia se faz de uma perspectiva nova, que aponta tanto para a própria obra como para um novo olhar sobre o texto a que se remete.

Em "Rute no campo" a grandeza do eu lírico nasce da aceitação da pequenez, da consciência da fragilidade. Trata-se de uma espécie de humildade que não é sinônimo de aceitação pacífica, de irredutibilidade diante das imposições sócio-culturais. Neste sentido, é algo que se articula a uma tradição cristã – "e quando sou fraco é que sou forte" -, mas que dela destoa quando traz o corpo e seus desejos para o centro de todas as questões. Neste sentido, sua poesia se abre para leitores não apenas identificados pela fé cristã, mas, sobretudo, os que sabem captar toda dimensão de humanidade posta na condição da mulher e sua luta para deixar de ser uma "espécie ainda envergonhada", conforme o verso de seu antológico "Com licença poética".

[REFERÊNCIAS]

Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias do Cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, Paloma do Nascimento. *Cotidiano, religiosidade e erotismo em Adélia Prado*. 2012. 88f.

Dissertação (Mestrado em literatura) - UFPB/CCHLA, João Pessoa, Paraíba.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

_____. *Poesia Reunida*. 9 ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

_____. *A duração do dia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANT'ANNA, Affonso Romano. "Adélia: A Mulher, o Corpo e a Poesia", in: *O Coração Disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 10 - 11.

“RUTE NO CAMPO”: EROTISMO, DESEO E INTERTEXTUALIDAD BÍBLICA

Resumen:

Este trabajo se centra en el análisis del poema “Rute no Campo”, del libro *A duração do dia* (2010), de Adélia Prado. Aquí se reflexiona sobre la relación entre el erotismo, el deseo y la religión, siempre presente en la escritura de la poeta. También haremos el análisis de la intertextualidad bíblica y la influencia de estos escritos en la composición del poema.

Palabras Clave: poesia; religiosidad; erotismo.

